

JOVENS MIGRANTES PARTILHAM EXPERIÊNCIAS

A abertura da Semana da Educação contou com o testemunho de vários alunos migrantes residentes no concelho, que enfrentaram o desafio de se integrar num novo país, num novo conceito, numa nova escola. Não foi fácil, mas apesar das dificuldades, sentem-se em casa. À pergunta do presidente da Câmara: recomendam Ourém para viver? A resposta foi unânime: “Claro que sim!”



Semana da Educação abriu com o testemunho de vários jovens

Malcon de Carvalho é angolano e reside em Portugal há cinco anos. Inicialmente, viveu em Lisboa e, agora, reside em Ourém. Não esconde que passou por “algumas dificuldades de adaptação”, mas assegura que “está a ser uma experiência muito positiva”. Em termos de escolaridade, encontrou aqui professores “muito mais atenciosos” e um sistema de ensino “muito mais avançado”, que o obrigaram a “evoluir mais em termos académicos”.

Zhasinta Solohub veio para Portugal em Agosto de 2022, ano em que a Rússia invadiu a Ucrânia, de onde é natural. A língua foi a maior dificuldade. “Nos primeiros meses, tive muitas dificuldades, mas o tempo foi passando e fui aprendendo com a ajuda dos meus professores”, recorda. E não

esconde que “às vezes até chorava”. O facto de não ter “muitos amigos” aqui em Portugal também não ajudou. Mas não desistiu. Pelo contrário, aplicou-se. Os resultados começaram a surgir. Entrou inclusive para o quadro de honra da sua escola - o Colégio do Sagrado Coração de Maria. Neste momento, frequenta o 9º ano e as saudades já começam a apertar. “Tenho muita pena de deixar esta escola, porque houve tantos momentos bons. Vou ter muitas saudades e sempre que alguém falar do Coração de Maria vai surgir um sorriso na minha cara”, revela. “Portugal é um país muito diferente da Ucrânia, mas eu gosto muito deste país”, confessa, referindo que “aquilo que me chocou mais foi a ausência de neve”. Termina

com um agradecimento: “Quero agradecer aos meus professores, amigos e pais por tudo o que fizeram por mim”.

Samuel dos Santos sente falta do calor da sua terra: Minas Gerais, Brasil. Chegou a Portugal em Setembro de 2021. Na altura, a irmã já vivia em Portugal e a mãe decidiu vir ajudá-la a cuidar dos filhos. Acabou por vir a família toda. Samuel gosta “bastante de Portugal”, mas confessa que a integração “foi um pouco complicada”. No entanto, foi “muito bem recebido” na escola. Neste momento, frequenta a Escola Profissional de Ourém, que lhe tem dado “muitas oportunidades”. Por exemplo, no ano passado foi seleccionado para fazer um estágio profissional em Itália.

Samara Silveira também

“

*“Em Ourém
vais encontrar
uma nova
família,
um novo
propósito”*

é brasileira. É natural de São Paulo. Está cá há dois anos. Reside em Caxarias. Os pais decidiram sair do Brasil “à procura de segurança e escolheram Portugal por causa da língua”. No geral, “a integração foi boa”, mas sentiu algumas dificuldades ao nível da língua. “O Português de Portugal tinha palavras e expressões que eu não conhecia”, refere. Além disso, o horário escolar é diferente. No Brasil, “entrava às sete e saía às onze. Aqui é o dia todo. Nos primeiros meses, andava muito cansada”, recorda a jovem, que se deparou com um “ensino mais exigente” e “avançado”. Apesar das dificuldades, tem sido uma experiência positiva. Para isso, também contribuiu o facto de praticar desporto e dança. Nas suas palavras, ajudou-a a “fazer amigos”.

Eliangel Ortiz é natural da Venezuela. Quis sair de lá devido à “situação difícil” que se vive naquele país. A mãe deu-lhe “forças”. Encontrou em Portugal um “milhão de oportunidades”. A escola ajudou-o na integração. Fez amigos que o ajudaram a falar português, a conviver e a ultrapassar as saudades “da vida que deixou na Venezuela”.

Apesar de ter contado com a ajuda da comunidade ucraniana, Ilia Kucher, 16 anos, não se adaptou facilmente a Portugal. “A cultura é diferente, língua é diferente, entrei em depressão”, refere. Valeu-lhe o apoio da escola e dos colegas. “A escola estendeu-me os braços, tinha apoio, mas o que me ajudou mais foi comunicar com os meus colegas”, referiu Ilia, que frequenta o Colégio de São

DESAFIOS



Serafim Assunção e Costa

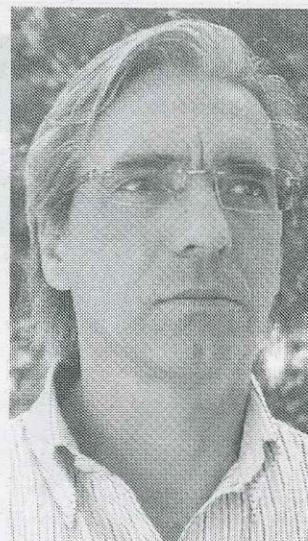
Director Pedagógico do Colégio do Sagrado Coração de Maria

Para Serafim Assunção e Costa, “os alunos migrantes representam sempre um desafio e uma oportunidade

para as escolas. A barreira linguística dificulta a comunicação e a aprendizagem, pelo que são implementados apoios de PLNM. A adaptação cultural é um desafio que gera certamente sentimentos de isolamento e exclusão, às quais as escolas estão atentas e procuram minimizar com as Mentorias”. Acresce ainda “as diferenças curriculares entre os sistemas educativos e, muitas vezes, também a condição socioeconómicas das famílias, que se procura

mitigar com os auxílios económicos directos e outros apoios”, salienta. Defende ainda que “a diversidade cultural de uma escola também é, em muito, uma riqueza e oportunidade de integração de princípios e valores como sejam a inclusão, a solidariedade, a empatia, ou seja, o respeito pelo outro, independentemente das diferenças culturais, socioeconómicas, linguísticas ou do ponto de vista cognitivo. Todos aprendemos com todos”.

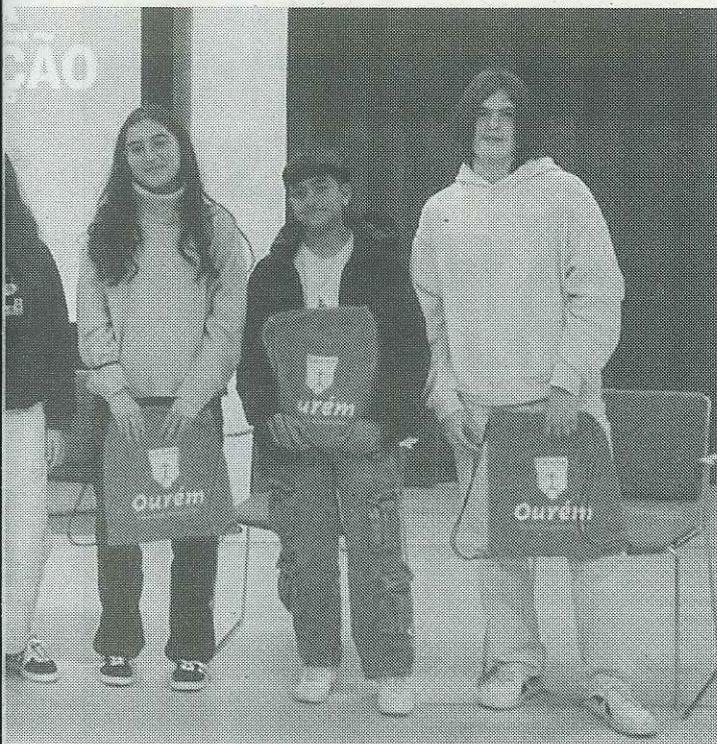
DESAFIOS



Manuel Bento

Director do Centro de Estudos de Fátima

“Estes alunos apresentam enormes desafios”, reconhece o director do Centro de Estudos de Fátima, para depois destacar: “A barreira ou as diferenças linguísticas, mesmo para alunos falantes de português como os



Miguel. Hoje, sente-se bem e até começou “a comer comida que odiava”, brinca, referindo-se ao peixe. E conclui: “Quando mudas de casa, tu também mudas”.

Rushona Umarova é um caso diferente. Nasceu em Portugal, mas a sua família é originária do Uzbequistão. A jovem, que frequenta o Centro de Estudos de Fátima, nunca teve “muitas dificuldades na escola”, mas reconhece que é diferente ter pais que não dominavam a língua. “Não temos aquela ajuda para fazer os trabalhos de casa ou para estudar”, exemplifica, mas salienta que “as escolas sempre ofereceram ajuda aos imigrantes. Sempre fui bem recebida e nunca senti discriminação”.

Depois de partilharem a sua experiência, os estudantes foram desafiados

a deixar um conselho aos jovens recém-chegados a Portugal. “Não tenhas vergonha de fazer novos amigos ou de tirar dúvidas com os professores”; “luta pelos teus sonhos”; “podes cair, mas levanta-te e não desistas”; “tem paciência”; “apesar das perdas, em Ourém vais encontrar uma nova família, um novo propósito” foram algumas das frases ouvidas.

À pergunta do presidente da Câmara: recomendam Ourém para viver, responderam quase em simultâneo: “Claro que sim!”. Visivelmente satisfeito, Luís Albuquerque agradeceu-lhes o testemunho. Agradeceu também às escolas, que os ajudaram na integração. Salientou que o País precisa destas pessoas, por isso é fundamental que se sintam bem acolhidas.

CURIOSIDADES

O Colégio de São Miguel tem 77 alunos estrangeiros, cerca de 10% do total de alunos, oriundos na esmagadora maioria do Brasil. Segue-se a Ucrânia com origem mais frequente. O número de alunos estrangeiros tem aumentado nesta escola. No segundo ciclo a percentagem de alunos estrangeiros ronda os 20%.

O Colégio do Sagrado Coração de Maria tem 63 alunos estrangeiros de 16 nacionalidades diferentes. As nacionalidades mais expressivas são os brasileiros e ucranianos. O número de alunos migrantes tem vindo a aumentar neste estabelecimento de ensino. Do ano lectivo de 2023/2024 para 2024/2025, o aumento foi de 12,5 %.

O Centro de Estudos de Fátima conta actualmente com 109 de alunos estrangeiros. Os principais países de origem são Brasil, Angola, Paquistão, Ucrânia, França, Venezuela, num total de 12 nacionalidades.



Já chegou a ter 18 nacionalidades. Nos últimos três anos o número tem diminuído, não devido a existir menos procura, mas pelo facto de não existir vaga na escola quando por norma muitos destes alunos se pretendem matricular (normalmente já depois do ano lectivo se ter iniciado e as turmas estarem com o limite máximo legal de alunos).

A Escola de Hotelaria de Fátima (EHT) conta com 35 alunos estrangeiros distribuídos por 9 nacionalidades diferentes, enquanto a Escola Profissional de Ourém (EPO) tem 41 estrangeiros distribuídos por 9 nacionalidades diferentes. O número de alunos de nacionalidade estrangeira tem aumentado em ambas as escolas.

DESAFIOS



Pedro Major

Director executivo da Insignare

Para Pedro Major, director executivo da Insignare, entidade responsável pela EPO e pela EHF, os alunos estrangeiros representam um desafio a vários níveis.

Por exemplo, “ao nível da necessidade de adaptação pedagógica, em que os professores precisam de adaptar os seus métodos de ensino para responder adequadamente a esta diversidade, o que exige o uso de estratégias diferenciadas para alunos com dificuldades na língua portuguesa, além da preparação de recursos adequados à realidade de cada aluno”. Por outro lado, destaca a questão da inclusão social, “uma vez que os alunos estrangeiros

por vezes enfrentam dificuldades na sua integração na sociedade, o que pode levar ao isolamento ou bullying, especialmente se forem vistos como ‘diferentes’”.

Pedro Major realça como principal dificuldade a “adaptação dos alunos à cultura portuguesa e aos seus hábitos alimentares (as refeições facultadas nos refeitórios das escolas), acrescida das barreiras linguísticas são as dificuldades, que exigem uma maior atenção com estes alunos”.

DESAFIOS



Manuel Lourenço

Director do Colégio de São Miguel

“No Colégio de São Miguel o acolhimento dos alunos estrangeiros faz-se com com naturalidade”, começa por referir o director do Colégio de São Miguel. Mas, segundo Manuel Lourenço, estes alunos colocam

novos desafios, desde longo ao nível da língua. “Os que não falam português têm apoio do Português Língua não Materna”, explica, acrescentando: “Os alunos oriundos do Brasil têm esta barreira menos impactante, no entanto, é necessário fazer algum trabalho, uma vez que a sintaxe e a sonoridade são diferentes”. Colocam também desafios ao nível dos hábitos culturais, hábitos alimentares ou prática religiosa, por exemplo. “A todos procuramos dar uma

resposta adequada, indo ao encontro dos anseios das famílias”, assegura. Ao nível da integração, o objectivo é haver “uma verdadeira integração e não uma guetização”. Para isso, há o cuidado de “colocar os alunos migrantes pelas várias turmas e promovendo catividades de aculturação”. “Não temos tido dificuldades nesta missão, dando resposta às famílias, envolvendo-as, no caso de alguma dificuldade ocasional”, garante ainda o responsável.

brasileiros; as diferenças culturais que necessitam de um tempo de adaptação; as diferenças do sistema educativo, por norma menos exigente; a necessidade de estarmos muito atentos para ajudar na integração social”. Segundo Manuel Bento, “estes aspectos, principalmente a barreira linguística, só são ultrapassados pelo empenho e trabalho absolutamente criativo e inclusivo que os nossos docentes fazem com estes alunos”. “Ob-

viamente que estes alunos também trazem enormes oportunidades para os alunos portugueses, pois a diversidade cultural enriquece o ambiente escolar, ao permitir que os alunos compartilhem experiências, conheçam novos costumes e culturas, aprendam a respeitar as diferenças culturais e sociológicas, ou seja, e tem muito a ver com a nossa visão de escola que pretende preparar os nossos jovens para serem cidadãos do mundo”, salienta ainda.